

O PROCESSO AVALIATIVO DA LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE BEZERROS – PE

Jéssica Alessandra Bezerra da Silva¹
Luciana Lenira de Souza²

RESUMO

O presente artigo tem como tema o processo avaliativo de Língua Inglesa nas escolas municipais da cidade de Bezerros-PE. O tipo de avaliação aqui discutida tem um caráter multidimensional e é visto como um processo detalhado, que envolve as particularidades do ser, tais como seu modo de ver o mundo, de se expressar, comunicar e absorver o que está ao seu redor. Procurou-se por meio deste mostrar uma perspectiva mais humana de avaliação, que não exclui as falhas e erros do aluno durante sua caminhada enquanto ser humano inserido no processo pedagógico, mas sim, trazê-las para o contexto educacional e utilizá-las como uma ferramenta de mudança, reflexão e flexibilidade da prática docente. Como objetivo geral, procurou-se entender como acontece o processo avaliativo de língua inglesa nas escolas públicas municipais do município de Bezerros, localizado no interior de Pernambuco. Esta investigação visou especificar a formação acadêmica dos professores que atuam no ensino de Língua Inglesa nas escolas pesquisadas, evidenciar as particularidades que envolvem o tempo destinado às aulas de Língua Inglesa e identificar instrumentos utilizados pelos professores no processo avaliativo. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo, fundamentadas por Xavier (2010) e Marconi e Lakatos (2003). Os resultados encontrados foram satisfatórios e de modo geral, estavam dentro da visão de Luckesi (2013) e Hoffmann (2015) como essenciais no processo avaliativo pedagógico. Os principais teóricos selecionados para a fundamentação das discussões e abordagens aqui realizadas foram Luckesi (2013), Pinto (2016) e Hoffmann (2015).

Palavras-chave: Avaliação, Língua Inglesa, Formação, Processo.

¹ Graduanda do Curso de Letras – Inglês da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA, jehale99@gmail.com;

² Mestre em Ciência da Educação e Multidisciplinaridade pela Universidade Gama Filho - UGF, souzalucianalenira@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de ensino-aprendizagem é necessária uma forma de analisar os eventos ocorridos, seus desdobramentos, as mudanças acarretadas por eles, seus resultados. A avaliação é uma ótima ferramenta à disposição dos professores. No entanto, o que acontece nas escolas desde muito tempo é o ato de examinar, que para Luckesi (2013), consiste na classificação e seletividade do educando, o que atrapalha o seu real desenvolvimento enquanto ser social e multifacetado.

A avaliação, embora erroneamente aplicada nas escolas atualmente, deve estar comprometida com o real aprendizado dos discentes, com o olhar do professor em seu próprio fazer. Baladeli (2015) afirma que existe uma dicotomia que cria certa distância entre os alunos e a Língua Inglesa, pois, de um lado, se enxerga a globalização, o crescimento da informação e a velocidade no compartilhamento de novas ideias e invenções, enquanto do outro, dentro das escolas de educação básica há uma certa resistência quanto às formas de se trabalhar o idioma, e a dificuldade em ilustrar a sua real importância no contexto atual.

Beligoli (2015), também afirma que é essencial que haja formação e capacitação dos professores de Língua Inglesa, para que eles se apropriem de novas metodologias e tecnologias que possam diminuir frustrações e possibilitar um espaço onde os alunos possam desenvolver suas habilidades. Conforme Luckesi (2013) cita, não é suficiente lermos e debatermos sobre avaliação, discutirmos sobre avaliação e não sairmos do desejo genérico de mudança. É preciso ir além, observar verdadeiramente o que pode ser feito para garantir aos discentes uma educação de qualidade e um processo que leve em conta cada pequeno passo como um grande avanço.

O problema de pesquisa que baseou este artigo foi “Como se dá o processo avaliativo da Língua Inglesa nas escolas públicas municipais da cidade de Bezerros- PE?”, e presumiu-se que o tipo de avaliação conduzida pelos professores em sala de aula ocorreria por meio de avaliações escritas e pontuais, que seria realizadas ao final de cada unidade estudada. O objetivo geral consistia em entender como acontece o processo avaliativo da Língua Inglesa nestas escolas, enquanto os objetivos específicos tratavam de aspectos como a formação docente, o período de tempo estimado para as aulas e os instrumentos utilizados durante o processo avaliativo dos alunos. Para coletar os dados aqui utilizados, optou-se pelo uso de questionários estruturados (Xavier, 2010) na pesquisa bibliográfica e os conceitos de Marconi e Lakatos (2003) foram escolhidos para basear a pesquisa de campo.

METODOLOGIA

O presente artigo teve como base a pesquisa bibliográfica por meio da apropriação de artigos encontrados principalmente no site da Scielo e também através da pesquisa de campo, que foi realizada nas escolas através de questionários estruturados, que consiste em “[...] Uma lista com questões cujas respostas previstas podem ser fechadas (sim, não e alternativas a assinalar) ou abertas”.(XAVIER, 2010,p.76), sendo o público professores de Língua Inglesa que lecionam do 6º ao 9º ano.O tipo de amostra utilizada foi de caráter restrito, composta por apenas uma parte dos dados coletados de todos os sujeitos participantes, como demonstra Xavier (2010).

Para a pesquisa de campo, foram encontradas nove escolas municipais, das quais somente quatro possuíam os critérios de inclusão para fundamentar esta pesquisa. Para a amostragem, foram incluídas: a Escola Municipal Desembargador Felismino Guedes, Escola Municipal José de Góes, Escola Municipal Monsenhor José Florentino de Oliveira e o Centro Municipal de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente, e os critérios de inclusão utilizados para delimitação da área de pesquisa foram: A escola deveria estar localizada no município de Bezerros-PE; deveria oferecer a disciplina de língua inglesa como componente curricular no Ensino Fundamental e ser municipal.

A produção foi iniciada em Junho de 2019, com a entrega dos questionários para serem respondidos pelos professores, que deveriam ser entregues até Julho do mesmo ano. Este questionário buscou, entre outros, identificar aspectos relacionados a formação acadêmica e os dados profissionais dos professores, ao tipo de prática que exerciam e a questões mais específicas, como a opinião dos mesmos sobre o tempo de aula e como se utilizavam das ferramentas e instrumentos de avaliação.

No total, foram entregues nas escolas 8 (oito) questionários. Não foi possível ter acesso aos questionários deixados numa das escolas, pela falta de respostas dos professores da mesma, totalizando assim 6 (seis) questionários respondidos.

Os teóricos utilizados para o embasamento da pesquisa bibliográfica são: Luckesi (2013), Hoffmann (2015), Karnal (2012), D’Agnoluzzo (2008), Baladeli (2015) e Beligoli (2015). O método que foi utilizado para unir as informações aqui citadas foi o fichamento de citação, que para Marconi e Lakatos (2003, p.56), “Consiste na reprodução fiel de frases ou sentenças consideradas relevantes ao estudo em pauta.”

DESENVOLVIMENTO

AVALIAÇÃO: QUANDO O MEIO SE TORNA FIM

A perspectiva de avaliação atualmente é limitada e resumida a uma única função: aprovação nas tão temidas provas, e desde muito tempo vem sendo assim. Para entender em que nível de aprendizado se encontra o discente, a escola tem como artifício a medição, que é totalmente excludente e unilateral. Ao invés de procurar identificar e reconhecer os passos que podem ser mudados para que haja um maior aproveitamento de ambas as partes - discente e docente - durante o processo educacional, os testes e provas aplicados servem como uma ferramenta desmotivante e totalmente antiquada, que desqualifica e desmerece o aspecto multidimensional do ser humano.

De acordo com Luckesi (2013), a verificação congela o objeto, tirando o sentido, a subjetividade, os fatores sociais, culturais e políticos que o envolvem, negando sua complexidade psicológica de ser pensante, crítico e agente no seu meio. Antagonicamente, a avaliação direciona o objeto num caminho dinâmico, guiando-o então ao esclarecimento de suas perspectivas e de sua função como ser pensante e social, o que abre as portas para o então objeto tornar-se sujeito do seu próprio aprendizado.

Sendo assim, a partir do momento que os alunos são “treinados” para serem máquinas que respondem questões, assinalam alternativas, escrevem palavras decoradas e comentam questões que sufocam seus pensamentos e atitudes diante da vida com base na sua realidade, o ato de avaliar se modifica e se torna um inimigo, quando na realidade deveria ser um aliado de toda equipe pedagógica. Quando ao invés de verificar se avalia, o retorno obtido é mais humano, realista. A dinâmica muda, são incluídos novos instrumentos e meios, a prática do professor é renovada e melhor situada, e não exclui as individualidades presentes no mundo que é uma sala de aula.

Karnal (2016) exemplifica como os professores podem tornar o ambiente de sala de aula menos hostil, e trazê-lo para uma realidade mais participativa, convidativa e positivamente desafiadora, distanciando a nossa prática dos moldes positivistas, que ignoram “[...]Os protagonistas mais diretamente envolvidos na operação.” (PINTO,2016,p.6).

O dia da prova é um dia de tensão. Tudo que estiver ao meu alcance deve ser feito para diminuir essa tensão. Não se trata de pedagogia do coitadinho. Não estou defendendo que nunca devemos provocar nenhuma tensão ou que os alunos ficam traumatizados por qualquer coisa. Defendo que o ambiente seja o mais tranquilo

possível para que cada aluno possa colocar a maior quantidade de informações e processos mentais que ele acumulou. Defendo a tranquilidade para que eu possa dar zero ou dez, sabendo que o zero ou dez correspondem, dentro do possível, ao que meu aluno aprendeu, e não a sua pane na hora da prova.” (KARNAL, 2016, p.34).

Unindo então as produções de Luckesi (2013) e Karnal (2012), que enxergam a avaliação com uma perspectiva inovadora, sociocrítica e contributiva, é possível entender a importância da mudança do pensamento de toda equipe pedagógica, a colaboração coletiva para o sucesso dessa prática e a humanização do processo avaliativo, que não deve ser somente um molde engessado de números, conceitos e definições superficiais sobre o andamento do aluno.

Como defende Luckesi (2013), deve-se quebrar o paradigma de avaliação imposto, entendendo que a forma como fomos examinados não deve ser a mesma pela qual examinamos. Deve-se ter um olhar flexível da prática, entendê-la como um meio de demonstrar os objetivos, o preparo teórico e as experiências do professor enquanto profissional, além de guiar o modo que ele lida com o processo avaliativo, que está intrinsecamente ligado a esses fatores.

AVALIAÇÃO MEDIADORA: O SIMPLES ATO DE OBSERVAR

Como defende Hoffmann (2015), a avaliação mediadora consiste no acompanhamento permanente e na observação, no contato direto entre alunos e professores, na real preocupação e determinação para mudar a forma de funcionamento das engrenagens da educação. Porém, a interpretação errônea que se tem desse tipo de avaliação a torna descartável logo que citada ou trazida à tona em reuniões, encontros, formações e outros tipos de eventos acadêmicos ou institucionais.

O argumento utilizado pelos professores que estão presos às suas práticas conservadoras e positivistas se volta para a superlotação das salas de aula brasileiras, o que supostamente tornaria impossível conhecer cada discente intimamente e mediá-los individualmente durante cada encontro. Hoffmann (2015) desmistifica essa afirmação defendendo que a mediação nada mais é do que o olhar atento, a real vontade de mudança, a reflexão e renovação da prática, porque, para ela, é essencial que haja clareza de todas as propostas, princípios e ideologias que irão guiar as ações docentes. A presença da família na escola também é essencial, uma vez que não se pode debater e procurar soluções para possíveis problemas - desconhecendo o sujeito e sua realidade -, em encontros pedagógicos

que ocorrem esporadicamente, revelando uma inconsistência e desconhecimento do dia a dia dos estudantes.

Através do que é apresentado por Hoffmann (2015) nota-se o quanto é vago o conhecimento dos discentes sobre a Avaliação Mediadora. Quando a prática não é situada, lacunas são observadas, lacunas essas que podem prejudicar de forma considerável o andamento e até mesmo a permanência dos alunos nas salas de aula. Para D’Agnoluzzo (2016, p.7) é necessária “Uma avaliação que permeie todo o processo educativo, que não seja executada só ao final, para que se assegurem atingir os objetivos tanto do professor quanto do aluno.”. Algo que ilustra bem essa afirmação de D’Agnoluzzo é, por exemplo, um aluno A, que tem 4 bimestres no ano letivo e consegue chegar a nota máxima em dois deles, onde foram vistos, supomos, o Presente Simples e o Verbo *to Be*.

No entanto, ao chegar no terceiro e quarto bimestres do ano, o aluno se depara com o Passado Simples e o Passado Perfeito, e não consegue compreender, nem produzir conhecimentos efetivos sobre esses tempos verbais. Contudo, pela atual lógica matemática nas escolas municipais, ele precisa obter 24 pontos ao final do ano letivo, e como o aluno A se saiu bem nos primeiros bimestres - somando 20 pontos - os outros dois conteúdos que não foram bem construídos e apreendidos pelo docente não são retomados.

Assim, o aluno “passa de ano” por média com certos espaços incompletos, algo que pode ser totalmente danoso, pois, principalmente em se tratando de um idioma, que necessita de prática e construção progressiva, a escola foi imprudente e negligenciou o seu aprendizado, simplesmente entendendo que os números conquistados pelo aluno foram suficientes para sua avaliação, o que se mostra totalmente inadequado por desconsiderar as dificuldades que o aluno teve nos últimos semestres.

AVALIAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA: PROPOSTAS E DESAFIOS

São vários os fatores que dificultam a prática do professor de língua estrangeira dentro de escolas de educação básica. Primeiro, lida-se com o fato de que muitos alunos se enxergam totalmente distantes e alheios aos conteúdos vivenciados em sala, entendendo que só fala inglês quem vai para os Estados Unidos, ou só se aprende espanhol para ir ao Chile, por exemplo. A falta de motivação nasce desse tipo de pensamento, que se não for desconstruído com intermédio do professor - através do debate dos temas que são vivenciados em sala - e visto como algo cada vez mais universal e rotineiro, confirma no aluno a sensação de não-

pertencimento, ou de não adequação com toda aquela realidade. O que muitos professores deixam de trabalhar em sala com seus alunos são coisas triviais e cotidianas na vida deles.

Exemplo, nas redes sociais, muitos dos comandos existentes estão em outro idioma, destacando-se o inglês. Nas séries que os alunos assistem, nas adaptações dos livros que leem, nos produtos recém comprados, entre outros estrangeirismos que são adotados por nós. Campos (2017) vem nos dizer que:

“O ensino tradicional pode ter como característica a fragmentação dos conteúdos, disponíveis em um currículo comum, e sua prática, na maioria das vezes, é desarticulada ao contexto social. Essas características (fragmentação e descontextualização do ensino) podem levar os estudantes a sentirem-se desmotivados e desinteressados pelos seus próprios processos de aprendizagem. A educação precisa ser vista e considerada útil e desafiadora por parte dos estudantes, de forma que os mesmos se sintam motivados e dispostos a aprenderem e se envolverem no processo, articulando conhecimento e prática.” (CAMPOS, 2017, p.183).”

É primordial situar a prática. Quando o docente está seguro de toda fundamentação teórica da qual suas ideias, ações e pensamentos são fruto, ele gera no aluno o sentimento de pertencimento, atíça sua curiosidade, faz com que ele queira entender um pouco mais sobre toda cultura na qual se encontra determinado idioma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como por meio deste artigo pretende-se mostrar de forma descritiva o fazer pedagógico dos pesquisados, através da narração de suas falas sobre as dificuldades encontradas, seus métodos avaliativos e suas vivências enquanto professores -, a análise aqui será qualitativa, que para Godoy (1995, p.63) é utilizada quando “[...] Se busca o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade.”

O questionário utilizado para coleta de dados nas escolas foi dividido em três seções, sendo elas: Dados Profissionais, Particularidades da Aula e Processo Avaliativo. Na primeira seção estavam perguntas sobre o tempo de atuação do docente, a sua formação acadêmica e os anos (séries) que leciona. A média de tempo de atuação encontrada foi de 9,1 anos, e a formação de todos os profissionais pesquisados é no curso de Letras, sendo dois dos professores especializados em Língua Portuguesa. Para Hoffmann (2008), “Ultrapassar posturas convencionais na avaliação do desempenho dos alunos exige o aprofundamento em questões de aprendizagem e o domínio da área de conhecimento das diferentes disciplinas.”

(p.48), se faz mais que necessário uma formação continuada na área escolhida pelo professor. Não se pode haver mudanças nas práticas avaliativas quando o docente não entende as ideologias que sustentam o seu fazer enquanto formador de seres inacabados.

Em relação aos anos ou séries que os docentes lecionam, quatro pesquisados entenderam a intenção da pergunta “Anos que leciona” como as séries, que seria do 6º ao 9º ano, com exceção de um professor que atualmente leciona no 7º e outro no EJA (Educação de Jovens e Adultos). Porém, como poderia existir uma dúvida interpretação no sentido das palavras utilizadas na afirmação e ser entendida também como o tempo da carreira docente, dois deles não conseguiram responder de forma satisfatória.

Na segunda seção as perguntas eram relacionadas as particularidades existentes nas aulas de cada docente. Quando foi perguntado sobre a carga horária destinada ao ensino da língua inglesa, no geral, as respostas foram que a duração das aulas é de 2h semanais, e quando pedimos que os próprios pesquisados avaliassem esse tempo de aula semanal, foi dito que:

PESQUISADO (A) A: “O tempo é insatisfatório. Quando as duas aulas semanais são ministradas no mesmo dia e em aulas “germinadas” algo bom pode acontecer, sem interrupções. Quando as duas aulas são separadas em dias diferentes na semana algum desconforto provavelmente acontecerá, como sendo, partição do conteúdo estudado etc.”

PESQUISADO (A) B: “Para a necessidade da faixa etária dos alunos do 6º ano, o tempo é suficiente, levando em conta também a realidade em que vivem.”

PESQUISADO (A) C: “Insuficiente para o desenvolvimento das atividades propostas.”

PESQUISADO (A) D: “Diante dos conteúdos e da importância que tem a língua inglesa para o desenvolvimento do aluno, fica evidente que, a quantidade de aula é pouca para adquirir resultados mais satisfatórios no trajeto disciplinar, tendo em vista que a partir do 6º ano é que o Inglês é atribuído no currículo escolar da rede pública.”

Nas falas de três dos quatro pesquisados existe um ponto em comum: a quantidade de horas dedicada ao ensino da língua inglesa é insatisfatória. Hoffmann (2008) afirma que nas atividades desenvolvidas em sala, o caráter problematizador deveria sempre estar presente, assim como a dialogicidade. Contudo, nas atuais circunstâncias das salas de aula da educação básica, em se tratando de língua inglesa, a realidade é outra. Não há como discorrer e dialogar profundamente com o tempo de aula disponível, sendo assim, a vivência de um “conhecimento gradativamente aprofundado” (Hoffmann, 2008) ainda é uma realidade

longínqua, considerando as atuais políticas educacionais e as questões envolvendo os quadros de disciplinas e horários nas escolas.

Foi deixada também uma seção dedicada ao processo avaliativo dos professores. Os pesquisados deveriam escolher uma das opções – processual, somativa, diagnóstica, outra – para demonstrar qual prática pedagógica melhor os identificava, além de descrever se o seu processo avaliativo é ou não apropriado e quais seriam os instrumentos utilizados nessa prática.

A prática com a qual os pesquisados mais se identificaram foi a processual, que se encontra presente nas falas de Luckesi (2013), quando o mesmo cita que toda produção deve ser continuamente avaliada, para que a partir disso os professores possam refletir sobre a sua prática e o processo pedagógico no qual estão inseridos, além de auxiliar de forma fundamentada e segura a evolução dos seus alunos enquanto seres sociais, pensantes e críticos; e também nas reflexões de Hoffmann (2015), que entende o observar, o acompanhar como um ato que o professor comprometido com o desenvolvimento do aluno deve executar.

A alternativa “diagnóstica” foi escolhida por um docente apenas e dois deles escolheram duas outras opções, sendo elas a “somativa” e a “processual”.

Percebe-se diante das respostas coletadas a presença da visão progressiva do processo avaliativo, tal como traços de práticas mais conservadoras. Diante disso, D’Agnoluzzo afirma:

“A característica que de imediato se evidencia em nossa prática educativa é a de que professores e pedagogos ainda vivem sob intensa angústia quando a questão é avaliação. Ao mesmo tempo em que ela pode conduzir a resultados significativos dentro do processo de aprendizagem de cada aluno, pode unicamente ter um caráter classificatório e punitivo, que nada acrescentará ao desenvolvimento do estudante.”D’AGNOLUZZO, 2008, p.4)

Formar seres conscientes e agentes, participativos e críticos não é uma tarefa fácil, então é comum encontrar professores que não têm suas ações bem direcionadas ou que não percebem a língua inglesa como um idioma riquíssimo, que se apresenta cheio de oportunidades, da curiosidade sobre o novo, da abertura de portas para uma outra cultura. Quando trabalhado da maneira correta, levando em conta os infindáveis instrumentos disponíveis para a socialização desse conhecimento, aprender outro idioma se torna divertido.

Não se trata somente de uma enxurrada de regras gramaticais, palavras incompreensíveis e das diferenças existentes. O aprender – inglês – é sobre trocar experiências, sobre desbravar-se no desconhecido; e o papel avaliativo do professor é primordial para permitir que o discente entenda que, enquanto ser inacabado, como afirma

Freire (1996), os conceitos e notas a ele atribuídos não o devem limitar. Ao contrário, deve criar novos caminhos e formas de abordagem para que haja a verdadeira aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi aqui discutido, percebe-se o quão pouco se conhece sobre a avaliação enquanto processo. Foi visto que a avaliação não se resume somente a hora da prova ou teste escrito, mas que existe todo um caminho cheio de percalços que devem levar em conta as várias dimensões do ser, que está em processo contínuo de mudança, formação e aprendizagem.

Quando o processo avaliativo é trabalhado de maneira humana, levando em conta não somente conceitos, números e definições superficiais, o ser que está em pleno desenvolvimento entende-se como sujeito autônomo, construtor de seu próprio destino, explorando todo o conhecimento que está ao seu alcance e toda bagagem prévia. Assim, o que acontece é a identificação do docente com o conteúdo que está sendo vivenciado, tornando sua vida escolar mais instigante e desafiadora.

Também por meio desta investigação científica, foi possível iniciar uma discussão sobre a mudança de práticas que ainda são vistas como dogmas nas escolas e como o ensino de Língua Inglesa pode se tornar mais prazeroso e significativo. Somente a partir da leitura de teóricos e da disponibilidade da equipe pedagógica em assumir o papel essencial de avaliador, não verificador, como cita Luckesi (2013), será possível identificar o tipo de aluno que está sendo formado neste século, seus anseios, dúvidas, fragilidades e sua condição socioeconômica.

O processo avaliativo, quando trabalhado por meio de uma perspectiva mediadora, traz o aluno para o centro do seu aprendizado. Como afirma Hoffmann (2008): “O aluno constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive”, e a sala de aula deve ser um dos primeiros espaços que deve oferecer esse tipo de interação para possibilitar a construção do conhecimento.

O trabalho não acaba aqui. Ao contrário, deve-se começar a ampliar para todas as salas de aula um novo sistema, para que haja uma real e coletiva mudança de mentalidade sobre o ato de avaliar em Língua Inglesa, que seja mais humano e sobretudo justo, para formar cidadãos com essas mesmas características tão importantes cultural e socialmente.

REFERÊNCIAS

BALADELI, Ana Paula Domingos. **O ensino de Língua Inglesa na Educação Básica: Entre o descrédito e a motivação.** EDUCERE, Paraná, 2015.

BELIGOLI, Cláudia de Lima. **Professor de Inglês: um olhar sobre a atuação docente e profissional.** Cadernos da Educação, v.14, n.29, 2015.

CAMPOS, Ilana Cecília Galicki de. **O Ensino de Língua Inglesa (LI) e as metodologias ativas: teoria e prática.** Paraná, 2017.

D'AGNOLUZZO, Elisa Amaral de Macedo Molli. **Critérios e instrumentos avaliativos – reflexo de uma aprendizagem significativa.** PDE, Paraná, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 25ª edição, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GODOY, Arllda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE, São Paulo, 1995.

HOFFMANN, Jussara. **Avanços nas concepções e práticas da avaliação.** Pernambuco, 2015.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Editora Mediação, 27º edição, 2008.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor.** 1ª edição, 5ª reimpressão, São Paulo, SP: Editora Contexto, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 1ª edição (Livro Eletrônico), São Paulo, SP: Editora Cortez, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ª edição, São Paulo, Editora Atlas S.A, 2003.

PINTO, Jorge. **A avaliação em educação: Da linearidade dos usos à complexidade das práticas.** Lisboa, 2016.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos.** Recife: Editora Rêspel, 2010.